

## ECOTERRORISMO E ARMAS BIOLÓGICAS NA OBRA *ORYX E CRAKE*, DE MARGARET ATWOOD

Bárbara Maia das Neves (Doutoranda em Ciência da Literatura - UFRJ)

Neste artigo adentramos o terreno das epidemias e doenças trazidas à tona pelo próprio homem através da chamada Guerra Biológica, ou Bacteriológica. Joshua Lederberg menciona no seu livro **Biological Weapons: Limiting the threat** (1999) alguns exemplos iniciais deste tipo de dominação, como os Cruzados que jogavam com suas catapultas os corpos de mortos pela peste negra dentro dos fortes islâmicos na esperança de que seus adversários contraíssem a doença e morressem, facilitando, assim, a invasão e a derrota dos inimigos. (LEDERBERG. 2001:18.) Também cita como os colonizadores europeus vendiam aos nativos americanos cobertores com esporos da varíola, objetivando a dizimação desta população.

Na distopia **Oryx e Crake** (2003) de Margaret Atwood, a doença criada em laboratório serve aos interesses de um cientista louco. Tzvetan Todorov, no seu **Introdução à literatura fantástica** (1970), fala de como a literatura trata de uma realidade ideal, onde existe o esforço de dizer o que a linguagem comum não diz e não pode dizer (Apud TODOROV. 2007:27.); o que não é dito aqui nesta obra é a própria questão das doenças e suas manipulações. O mundo de **Oryx e Crake**, enquanto distopia, traz à tona questionamentos sobre o mundo atual que merecem nossa consideração. Na verdade, a questão de revelar o oculto retoma o raciocínio apresentado por Theodor Adorno em seu **Notas de Literatura I** (1974), onde o mistério que as pessoas se tornam umas para as outras encontra um efeito similar na própria obra literária, fazendo com que o romance intrigue e provoque o leitor. (ADORNO. 2008:58.)

Neste artigo também é minha intenção tratar de como alguns grupos em prol do meio ambiente se utilizam de medidas um tanto quanto extremas para propagar suas idéias e chamar a atenção do mundo. Tais atitudes por vezes envolvem a destruição de equipamentos e o emprego de um pouco de agressividade para com os outros seres humanos vistos como vilões da história, como lenhadores. Esta abordagem recebe vários nomes, porém é mais conhecida como ecoterrorismo. Ela é melhor explicada na

obra **Green Rage** (1990) de Christopher Manes, em que o grupo “*Earth First!*” (“A Terra Primeiro!”) advoga a necessidade de uma ecologia voltada mais para a preservação da Natureza simplesmente por ela ser a Natureza, não pelo que Ela pode fazer pelos seres humanos.

Na obra de Margaret Atwood, vemos a recriação de vários exemplos de como o ecoterrorismo pode se manifestar. A princípio vale ressaltar como o meio ambiente descrito no livro está devastado, forçando aqueles com condições para tal a viver como escravos/prisioneiros nos Complexos dominados pelas indústrias farmacêuticas. Os que não podem viver nos Complexos vivem nas Cidades, as terras de plebeus, em condições subumanas.

Na dilacerada universidade de Martha Graham, onde o narrador Jimmy estudou, entramos em contato com grupos que levam as manifestações em favor da natureza a um nível mais radical. Como exemplo podemos citar Amanda, uma artista que emprega materiais fétidos e repugnantes como um alerta contra a destruição promovida pela humanidade. Sua obra se chama “Esculturas Vulturinas”: palavras formadas com carcaças de animais mortos, comidas em seguida por abutres e fotografadas de um helicóptero. (ATWOOD. 2004:228.) Apesar de seu trabalho atrair cartas inflamadas de grupos ecológicos descritos no livro, Amanda acredita estar alertando a humanidade para seu eterno ciclo de produzir desnecessariamente cadáveres, restos e entulhos, tão prejudiciais ao ambiente.

Além da arte de Amanda, outras manifestações em defesa do planeta aparecem ao longo da obra. Plantações de café são atacadas por carunchos modificados para resistir a pesticidas; roedores híbridos de porco-espinho e castor destroem correias de transmissão de carros, forçando as pessoas a andar. Estas atitudes são tomadas por um grupo na internet chamado DoidAdão, que acredita que seu trabalho está em chocar a população, até mesmo como uma forma de fazer com que grupos ecológicos mais comedidos em atitudes sejam melhor vistos aos olhos do povo.

Entretanto, as representações de ecoterrorismo na obra de Atwood encontram seu apogeu na atitude final de Crake, que se revela um grande pensador da situação da

humanidade no planeta e de como ela consome os recursos naturais de forma indiscriminada:

(...) Como espécie, nós estamos muito encerrados, (...). A demanda por recursos vem excedendo a oferta há décadas em regiões geopolíticas marginais, por isso a seca e a fome; mas muito em breve a demanda vai exceder a oferta pra todo mundo. Com a Pílula BlyssPluss, a raça humana terá uma chance maior de sobrevivência.

(...)

- Menos gente, portanto, mais espaço. (ATWOOD. 2004:272.)

O impressionante é perceber o quanto a aniquilação já parece fazer parte do cotidiano da comunidade da obra. O aspecto destrutivo se mostra mais evidente no jogo de estratégia e guerra *Blood and Roses* (Sangue e Rosas), jogado com frequência por Jimmy e Crake quando adolescentes. O lado do sangue tinha a seu favor as maiores atrocidades humanas como genocídios e massacres; já o lado das rosas contava com os grandes avanços da humanidade no campo artístico, científico, arquitetônico, o que fosse. O grande problema com deste entretenimento é que para uma atrocidade ser interrompida ou apagada da “história mundial” registrada no jogo, seria necessário que uma obra humana fosse sacrificada. Além disso, a simulação conta com o conhecimento de história do participante, o que Jimmy achava um grande problema, pois “era mais fácil lembrar das coisas relativas a sangue. O outro problema era que o jogador Blood geralmente ganhava, porém vencer significava herdar uma terra devastada.” (ATWOOD. 2004:80.)

Quando finalmente Crake libera a grande praga que destrói a população do planeta, todos no mundo morrem, à exceção de Jimmy, secretamente imunizado pelo cientista para tomar conta das “crianças de Crake”. Aqui o destruidor da humanidade age como um Dr. Moreau moderno<sup>1</sup> na esperança de que esta nova raça híbrida de humanos e animais saiba usar os recursos do planeta sabiamente, reparando a natureza. A praga estava inserida nas pílulas BlyssPluss, que funcionariam de modo comparável ao Viagra, prometendo rejuvenescimento e beleza a todos além de uma melhora no desempenho sexual. A humanidade extinta é então substituída por uma nova espécie, fisicamente melhor e mais preparada para o mundo apocalíptico que resta.

A humanidade na obra é sempre retratada na sua pior forma: hedonista ao extremo e totalmente ignorante do risco que corre pela sua falta de consciência para com a Natureza. A ciência, nesta obra, reflete a perspectiva otimista do século XIX e do início do século XX, como a substituta de Deus e resposta a todos os problemas. Não importa a destruição, a ciência resolverá tudo e ainda trará benefícios materiais aos que dela se utilizam. Sendo assim, a obra mostra, principalmente, que o lucro está acima de tudo.

A utilização de um vírus criado em laboratório por Crake não parece ser algo tão inovador nesta obra. Antes de desenvolvermos este ponto, seria relevante mencionar como as indústrias em **Oryx e Crake** praticam uma forma exagerada do que Marcia Angell denuncia no seu livro **The truth about the drug companies** (2004): como a indústria farmacêutica tenta justificar o alto preço dos remédios alegando um investimento forte na área de pesquisa de novas e melhores drogas. (ANGELL. 2004:xii.) Contudo, ela argumenta que, muitas vezes, os custos com a campanha publicitária de um produto são uma fatia muito maior no orçamento que a pesquisa em si e como este processo, por diversas vezes, é financiado por agências governamentais de pesquisa, não justificando as alegações de despesas e custos da empresa. O que Angell busca alertar nesta obra é que, em muitos casos, a indústria farmacêutica faz apenas uma “maquiagem” em produtos já consagrados para explicar o dinheiro neles investido pelos acionistas ou governo; tudo para manter a engrenagem financeira funcionando a todo o vapor.

Como a indústria farmacêutica responde a estas dificuldades [financeiras]? (,,) Elas comercializam drogas similares com ainda mais vigor. Reforçam seu monopólio com drogas de grande venda. E despejam mais dinheiro em ‘lobby’ e campanhas políticas. Quanto à inovação, elas ainda estão esperando (...). (ANGELL. 2004:19. Tradução da autora.)

Pelo que se vê, a distopia **Oryx e Crake** já fala de vírus criados em laboratório antes do ataque final de Crake. A diferença nessas manifestações iniciais está no fato de que as doenças são estratégias para que as indústrias farmacêuticas continuem a prosperar economicamente; as doenças são *criadas* pelas próprias companhias, para que tenham sempre um mercado consumidor. Ao levar Jimmy para uma visita ao laboratório

de sua universidade, Crake fala de como novos problemas são criados para manter a economia em funcionamento:

- As melhores doenças, sob o ponto de vista comercial – continuou Crake – seriam aquelas que causassem enfermidades prolongadas. O ideal – isto é, para se obter o máximo de lucro – é que o paciente fique curado ou morra antes do seu dinheiro acabar completamente. É um cálculo refinado. (ATWOOD. 2004:197. Grifos no original.)

A questão do bem comum é também uma das desculpas empregadas pelos manipuladores de armas biológicas para justificar seu uso. Durante algum tempo, acreditou-se que, por não promover derramamento de sangue, as armas biológicas – e as químicas também – seriam menos violentas que o emprego dos armamentos tradicionais. Como menciona o criador da guerra química e prêmio Nobel de Química Professor Fritz Haber em 1923: “Em nenhuma guerra futura os militares poderão ignorar o uso de gás venenoso. É uma forma mais elevada de matar.”<sup>2</sup>

**Oryx e Crake** cobre ainda outra questão da guerra biológica: a fidelidade dos cientistas e a segurança nacional. A segurança dos Complexos é reforçada e cuidadosa, pois os bens lá guardados em forma de experimentos ou de cabeças pensantes são muito valiosos para serem postos em risco. Desta forma, a obra reflete o que se vê na vida fora dos livros, onde há o grande temor de que os cientistas se vendam ao governo que melhor lhes pagar e passem a produzir armas para algum Estado que outrora havia sido inimigo. Crake adquire grande conhecimento no seu tempo passado na universidade e é com este mesmo conhecimento que ele se volta contra aqueles que o ‘financiaram’ na criação de sua arma. Como é visto no livro em discussão, os cientistas são tratados como mercadorias pelas indústrias que os contratam: isto traz à tona a questão de até que ponto estes homens e mulheres estão dispostos a obedecer cegamente às ordens.

Crake assume a forma mais radical de traição ao se voltar contra todo o planeta. Tal revolta pode ter se originado na própria insatisfação do pessoal do setor biomédico que vê seu trabalho tratado mais como um comércio do que como uma ciência a ser respeitada. (Cf. GULLEMIN. 2005:189.)

Jeanne Guillemin acrescenta em seu **Biological Weapons** (2004) que o uso de armas biológicas também denuncia um novo aspecto presente no campo da guerra. O tipo de doença a ser utilizada em uma determinada população inimiga leva em conta

principalmente a vulnerabilidade da população-alvo. A população, e não os soldados, é levada em conta nesta escolha, uma vez que as guerras do final do século XIX em diante passaram a ser muito mais regidas pelo capital que por idéias ou crenças. Então, tanto o pessoal civil trabalhando na cidade merece ser destruído (por ser uma força econômica), quanto o soldado na batalha.

Buscar uma relação harmoniosa entre as várias esferas que compõem o mundo não é uma tarefa fácil. Ainda assim, não são atos tão radicais como o de Crake que vão efetivamente ajudar. O caminho a percorrer é longo, requer a “limpeza interna” proposta por Guattari, conforme debatido em seu livro **As Três Ecologias**: a ecologia não deveria ser um problema de leis e de especialistas; por abordar o capital, e levando-se em consideração que as relações capitalistas influem diretamente em praticamente todas as esferas humanas, a ecologia deveria envolver a todos.

Ao acompanhar noticiários e pela própria extrapolação descrita pela distopia aqui trabalhada, sabemos que estamos indo longe demais com essa violência sem sentido. Ainda assim, será que aprenderemos a lidar com isso antes do fim? Isto, só o tempo poderá dizer.

#### **Notas:**

1 – Tal como o cientista Moreau na obra *The Island of Dr. Moreau* (1896), Crake quer brincar de Deus criando uma nova “humanidade” em que defeitos seriam corrigidos (como a necessidade de religião, a vaidade, o sexo que não fosse apenas visando a preservação da espécie, entre outros), melhorando a força e a resistência dos novos seres, plenamente adaptados a um novo mundo.

2 – Apud HARRIS & PAXMAN. 2002: vii. Tradução da Autora → “In no future war will the military be able to ignore poison gas. It is a higher form of killing.”

#### **Bibliografia:**

- ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, 2008.

- ANGELL, Marcia. **The Truth About Drug Companies: How they deceive us and what to do about it.** New York: Random House, 2004.
- ATWOOD, Margaret. **Oryx e Crake.** Tradução Lea Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias.** Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- GUILLEMIN, Jeanne. **Biological Weapons.** New York: Columbia University Press, 2005.
- HARRIS, Robert e PAXMAN, Jeremy. **A Higher Form of Killing.** New York: Random House, 2002.
- LEDERBERG, Joshua. (ed.) **Biological Weapons: Limiting the threat.** Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2001.
- MANES, Christopher. **Green Rage: Radical environmentalism and the unmaking of civilization.** Boston: Little, Brown and Co., 1990.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica.** Tradução de Maria Clara C. Castello. São Paulo: Perspectiva, 2007.